



“PERIFERIA TEM SEU LADO BOM” – UMA ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO NAS LETRAS DE RAP DO BRASIL

SILVA, Lucas Braga Medrado da
Estudante de Mestrado na Universidade Metodista de São Paulo
letrasestacio@gmail.com

162

RESUMO

O presente trabalho aborda de forma sucinta a questão religiosa nas letras de músicas de rap da periferia do Brasil. Não obstante, a análise tem como foco trabalhar o discurso religioso através das críticas de compositores brasileiros que se apropriam de elementos cristãos dentre outros para legitimarem suas posições quanto à sociedade e a políticas sociais. De qualquer forma, faz-se necessário também, relatar que discografia rapper é de sobremaneira vasta e densa, todavia, destacar algumas é a principal “função” da pesquisa para que possamos adentrar no mundo do diálogo da periferia, que a bem da verdade, no que tange as letras quase que “espirituais”, mostrará que existe um lado bom, a saber, a cultura. No mundo em que vivemos não é mais novidade tratar religião nos mais variados âmbitos da vida humana. Seja no espaço público, arte, filosofia, sociologia dentre outras áreas dos saberes.

Palavras chave: Rap. Periferia. Letra.

ABSTRACT

This paper discusses briefly the religious question in the lyrics of rap songs from the periphery of Brazil. Nevertheless, the analysis focuses on working through religious discourse critical of Brazilian composers who appropriate elements from other Christians to legitimize their positions on the society and the social policies. Anyway, it is necessary to also report that rapper discography is exceedingly vast and dense, however, highlight some is the main "tool" of the research so that we can enter the world of dialogue from the periphery, which in actual fact, regarding the letters almost "spiritual", show that there is a good side, namely culture. In the world we live in is no longer a novelty treat religion in various spheres of human life. Be in the public space, art, philosophy, sociology, among other areas of knowledge.

Keywords: Rap. Periphery. Letter.



INTRODUÇÃO

No mundo em que vivemos não é mais novidade tratar religião nos mais variados âmbitos da vida humana. Seja no espaço público, arte, filosofia, sociologia dentre outras áreas dos saberes. O assunto sempre será amplo e questionável. Não obstante, a religião querendo ou não faz parte da contemporaneidade, de tal forma que as pessoas se veem envolvidas em supostas discussões que automaticamente respigam no que tange as múltiplas religiosidades.

É evidente que analisar a religião a partir da sociedade torna-se difícil, não porque temos de depender das teorias sociológicas, mas pelo fato de que cada caso é um caso e deve-se respeitar a idiossincrasia dos indivíduos. Para tanto, os recortes feitos a cada contexto delineiam e mapeiam assuntos específicos que relacionamos à sociedade propriamente dita. Esse artigo procura indicar, talvez, mais que isso, apontar a religião nas letras de rap de alguns grupos que fizeram sucesso nesses últimos. Nesse sentido, o recorte se centrará na questão da religião no espaço público. Discussão essa que demanda de muita bibliografia, que aparentemente ainda está em desenvolvimento por parte dos pesquisadores da America Latina. Portanto, calha uma carência de aprofundar os assuntos em alguns pontos que supostamente podem ser levantados quando indagados e questionados sobre o tema.

De qualquer forma, faz-se necessário também, relatar que discografia rapper é de sobremaneira vasta e densa, todavia, destacar algumas é a principal “função” da pesquisa para que possamos adentrar no mundo do diálogo da periferia, que a bem da verdade, no que tange as letras quase que “espirituais”, mostrará que existe um lado bom, a saber, a cultura.

“UMA MENSAGEM NO ESPAÇO PÚBLICO”

Como base para essa discussão tomaremos alguns conceitos da socióloga Regina Novais[1], que tem exposto o assunto com bastante precisão. Para tanto, nesse primeiro momento faz-se necessário salientar que para Novais Rap e Hip-Hop são as mesmas coisas. No entanto, existem diferenças em ambos, e é preciso fazer uma cisão entre as duas frentes musicais. Senão vejamos;



A palavra rap denota “ritmo e poesia” em inglês, designa o elemento musical da manifestação cultural chamada hip-hop. Portando, embora um esteja atrelado ao outro, isso não significa que são as mesmas coisas. O hip-hop abarca a dança popularizada como break e a pintura conhecida como grafite. Segundo uma definição que concorde um pouco mais com outras teorizações sobre o tema segue a abaixo:

O termo hip-hop, que significa numa tradução literal, movimentar os quadris (to hip, em inglês) e saltar (to hop), foi criado pelo DJ África Bambaataa, em 1968, para nomear os encontros dos dançarinos de break, Djs (disc-jóqueis) e MCs (mestres-de-cerimônias) nas festas de ruas do bairro de Bronx, em Nova York, Bambaataa percebeu que a dança seria uma forma eficiente e pacífica de expressar os sentimentos de revolta e exclusão, uma maneira de diminuir as brigas de gangues do gueto, e conseqüentemente, o clima de violência. Já em sua origem, portanto a manifestação cultural tinha um caráter político e objetivo de promover a conscientização coletiva. O uso dessa expressão ganhou no mundo, novas dimensões, e hoje, no Brasil, designa basicamente uma manifestação cultural das periferias das grandes cidades, que envolve distintas representações artísticas de cunho contestatório. (ROCHA, DOMENICH, CASSEANO, 2001, p.17) [2]

Nesse sentido, nas últimas três décadas no Brasil, especialmente na capital paulista, o rap começou a despontar no solo brasileiro com uma nova roupagem, aliás, com uma nova perspectiva, linguagem e expressão cultural à moda da casa. O tema religião sempre esteve presente nas músicas e ideologia, partindo dessa constatação é possível mencionar que através da musicalidade nas periferias das grandes cidades é que temos a religião “pulverizada” no espaço público.

Em vários casos a religião domina as letras, invocações e as celebrações estão sempre presentes na matriz estética e ideológica do rap nacional. Um exemplo histórico disso é o disco paradigmático do Racionais Mc’s com o título “*Sobrevivendo no Inferno*”, na capa do disco há um referência ao livro de Salmos capítulo 23 e verso 3. Na contra capa a continuação do verso 4 persiste. O grupo usa a bíblia, mas também elementos afros e católicos para composições de suas músicas. Nesse disco que abre com a música *Jorge de Capadócia*, marca bem em seu enredo a participação de crenças religiosas em seu bojo. Ademais, quase todas as músicas do disco narram sobre uma divindade. Segue abaixo a faixa de autoria de Jorge Ben Jor gravada na década dos anos 90 pelos Racionais Mc’s:

*Jorge sentou praça na cavalaria
E eu estou feliz porque eu também sou da sua companhia*



*Eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge
Para que meus inimigos tenham mãos e não me toquem
Para que meus inimigos tenham pés e não me alcancem
Para que meus inimigos tenham olhos e não me vejam
E nem mesmo um pensamento eles possam ter para me fazerem mal*

Percebe-se que na letra acima há uma mistura de religiões afros, junto ao catolicismo e de alguma forma uma espécie de proteção embasada no salmo 23 descrito na bíblia. Para Novaes, existem três modalidades de Rap, a saber: O rap *gospel*, rap *sincrético* e o rap feito *de salmos*. Nesse caso, os versos acima se enquadram no sincrético, posto que haja uma ligação e/ou uma mistura de crenças religiosa nas letras, apesar de ser um tanto quanto contraditório. Pois não existe religião pura, além do mais catalogar sincretismo religioso a partir da música, torna-se um tanto quanto difícil porque toda religião é sincrética. Uma se utiliza de elementos da outra, mistura-se com a outra. Para tanto, o que se entende por definição de sincretismo é que se trata de uma fusão de diferentes cultos ou doutrinas com reinterpretação de seus elementos.

Portanto, não significa que essas considerações colocam por terra a tese de Novaes, mas especifica de uma forma mais concisa a teoria por ela elaborada. Penso que essa mistura se dá, porque nas periferias há grandes difusões no que se refere às diversas formas de religiosidades. Não se pode pensar numa religião oficial da favela, idem do rap. Por isso se compõe as letras de variados contextos culturais-religiosos, os rappers não as fazem para definir, ou apresentar uma única divindade protetora, mas as muitas divindades que se tornam muros de proteção às várias maneiras de pensar. Sempre veremos uma somatória de objetivos quando se trata de rap, em sua ideologia, por exemplo, Racionais Mc's somam negritude+violência+religiosidade = crítica social no espaço público. Conseqüentemente o impacto é considerável, outro dado interessante é apresentado por Novaes sobre o assunto,

Não por acaso, esta associação entre Deus, e os mediadores da tradição católica e os Orixás pode ser encontrada em letras de grupos localizados em diferentes locais do Brasil. Ela expressa famosos duplo pertencimento “sou católico e do candomblé” secularmente presente no campo religioso brasileiro. [3]

As divindades agem como blindagem e proteção dos “manos”. E a fé torna-se relativa ao passo que a tradição pode ser reinventada. Isso tem tudo a ver com mensagem bíblica fora do “espaço sagrado” e junto à ‘boca do povo’, como religiosização da política e discurso pelas lutas sociais. Implica dizer que a religiosidade cantada nas músicas revela o “pluriculturalismo”



religioso, diria que, presente nos guetos. Em uma entrevista Mano Brown vocalista do Racionais Mc's, declara implicitamente as diversas formas,

Tem gente que sai do crime e se entrega à religião. Mas tem também aquele cara que é religioso, vai à Igreja e - ao mesmo tempo - é o bandidão do pedaço. É a contradição que rola no mundo. O nome disso é mesmo: sobrevivendo no inferno que é aqui na terra. (Racionais MC's, Jornal da Tarde, 05/11/1997) [4]

Resume bem a multiforme da qual expressa o cantor do movimento rap, talvez, ser do “inferno” é ser flexível e ao mesmo tempo desinstitucionalizado/institucionalizado. Como em uma de suas músicas ele declara: agradeço a Deus e aos Orixás.

NOS BECOS DA MENSAGEM DIVINA

No início da década de 90 houve uma mudança radical no cenário evangélico com o surgimento de alguns grupos musicais que adentram no neopentecostalismo tendo em vista uma nova perspectiva no mercado discográfico. [5] Como no caso do grupo Funk Yehohsua de Protestantismo Histórico-Methodista que despontou com ênfase, vale ressaltar banda Rara e Kadoshi que também contribuíram para esse novo *éthos* musical. Após explosão gospel, a produção e consumo deste tipo de música passaram a ser diferencial, em todos eles as batidas e estilos são os mesmo dos grupos seculares, há uma postura de combate às drogas e nas rimas atribui-se uma missão religiosa em torno do evangelho. Alguns combinam as duas coisas: missão e crítica social. Outros conscientizam jovens da periferia e apontam a saída do crime a partir da evangelização.

Partindo desse pressuposto, utilizaremos a categoria de Rap Gospel proposta por Novaes. A princípio a indústria fonográfica evangélica tem crescido muitos nesses últimos anos, de forma que os estilos e as demandas desse mercado precisam de inovadoras propostas de gêneros musicais.

Além do mais, acompanhar as mudanças da pós-modernidade torna-se um desafio para os cristãos jovens da atualidade, lembrando que isso se consolida sempre se valendo do cristianismo atual que embora parecer ter a bases sólidas, são individualistas e líquidas na maneira de pensar. Como no caso de alguns grupos atuais, sendo eles: Provérbio, Alternativa C, DJ Alpiste, Eclesiastes, Apocalipse 16, Ao Cubo dentre outros. Os rappers que assumem a



posturas de representantes do povo e combinam a crítica social com a evangelização em suas letras. Para Novaes,

Como se pode ver, combinam duas missões: a do movimento hip-hop que pela palavra (o rap) faz denúncias sociais e quer conscientizar os jovens da periferia, e a missão religiosa que aponta uma saída a partir da evangelização, da Palavra (a Bíblia). [6]

Como profetas da “última hora” pregam uma mensagem de salvação à sociedade periférica, esquecida e fragilizada pelo sistema político. Para Marcos Antonio Zibordi,

A possibilidade de resgatar pessoas para o caminho da arte e da cultura tem maiores chances porque o hip-hop é composto por vários elementos e os interessados podem optar por dançar, cantar, manipular discos, pintar e escrever. E uma vez integrados, passam a agir conforme o modelo identificável: a postura engajada socialmente, as roupas claras e coloridas, o constante semblante de seriedade, a reafirmação da negritude especialmente no tipo de cabelo, a lista de livros, discos e ídolos a conhecer etc. Os componentes do rap agem, efetivamente, como membros de uma comunidade de culto. [7]

Nesse sentido, temos uma juventude que por alcance das pregações cantadas, mudam de vida e passam a participar das fileiras das lutas sociais. Numa espécie de escola de profetas o rap vai disseminando sua filosofia nos becos da existência humana. Embora o rap gospel não seja o único a falar de e/ou sobre Deus, temos alguns grupos e letras que não são evangélicas e descrevem Deus como um ser Supremo no qual contempla as aflições cotidianas dos moradores da favela, como no caso da letra *Povo da Periferia* do rapper Ndee Naldinho,

*Deus olhai o meu povo da periferia
É tanta gente triste nessa cidade
É tanta desigualdade desse outro lado da cidade
Mas eu tenho fé, eu tenho fé eu acredito em Deus
Olhai por esses filhos teus
Senhor
Ó pai senhor olhai o meu povo sofrido da
Periferia*

A letra aponta o quanto o cantor é religioso e projeta em Deus um livramento escatológico para as angústias presente na vida e na existência, talvez, cabe mencionar que a lógica de finitude fica evidente nas declarações. Os homens sempre serão dependentes, está sempre à busca, e como finito quanto ao universo projetam-se ao divino. As pregações dessa



vez no cunho de teologia da libertação saem dos púlpitos e entrelaçam as poesias e ritmos mais variados do rap brasileiro.

Normalmente essas letras de rap calham na terceira modalidade mencionada por Novaes, rap feitos de salmos. Estes mencionam palavras e objetos que sempre aparecem lado a lado com profano da favela. Sagrado e profano produzem impacto nas palavras. Erudito e popular, sabido e profético, são constantes aliados com a presença de símbolos religiosos, porém ausência de instituição religiosa. Nesse sentido, a bíblia pode ajudar um pouco, na luta entre o bem e o mal, por uma igualdade social. Sendo assim, o rap passa a ser uma voz autêntica da periferia, com uma “licença poética” torna-se fonte legitimadora dos discursos sociais contra a discriminação, marginalização e segregação. Fica nítido na fala do rapper MVBill,

“Da minha adolescência, carregou marcas que se não fosse o rap talvez não tivessem se cicatrizado e não estaria aqui falando com vocês. Muitas coisas devo a Deus, minha mãe e ao rap (Divino+Família+Arte = Sentido de Vida). A partir do momento em que o rap me deu oportunidade de reabilitação – ser um pessoal normal, trabalhar, fazer algo pela comunidade – passei a pregar o rap (mensagem divina) como se prega o evangelho...” (*Revista Democracia Viva*, fevereiro de 2001 – Grifo Nosso) [8]

O rap não só oferece sentido como também se apropria da bíblia como recurso cultural para o desvendamento do mundo para ancorar escolhas religiosas com efeitos políticos. Para o rapper MVBill, o rap e Deus se complementam, falar do rap é também falar de Deus. Entendo que por detrás da musicalidade há uma descrição da realidade pluralista, global e cultural brasileira. O rap se tornou contemporâneo para uma juventude contemporânea, que se adéqua a linguagem da periferia. Não seria o rap um grito de liberdade de expressão ou até religiosa? Presumo que sim, devido sua permanência no espaço público como produtor cultural para sociedade do gueto. O fato de promover sentido à vida evidencia o movimento como movimento de identidade que agrega a todos que sobrevivem em meio ao sofrimento das situações limites da realidade brasileira. Para Sovik[9] (2000), “... a contundência e a popularidade do rap trazem à baila o debate da música popular como narrativa identitária, bem como os conflitos sociais implicados em um fenômeno cultural que, apesar de encontrar ressonância entre a juventude das classes médias, simplesmente a ignora”.

Entende-se então que existe uma libertação das drogas, das ruas, do tráfico através do rap que funciona como evangelho midiático nas grandes e pequenas periferias de diferentes



estados do Brasil. Assim o rap traz ao espaço público as experiências dos jovens, suas crenças, ideologia e críticas, seus medos, inseguranças. A partir disso o rap torna-se um caminho alternativo, uma construção de solidariedade no que se refere a uma identidade única e coesa dos pobres e negros. Assim a fé está em Deus e no rap que também habilita a seguir sem medo com os pés firmes no chão e a mente consciente que a realidade é dura e cruel. Como descreve a letra *Vida Loka* do álbum *Vida Loka*,

*Fé em Deus que ele é justo!
Ei, irmão, nunca se esqueça
Na guarda, guerreiro, levanta a cabeça, truta
Onde estiver, seja lá como for
Tenha fé, porque até no lixo nasce flor
Ore por nós pastor, lembra da gente
No culto dessa noite, irmão, segue quente
Admiro os crentes, dá licença aqui
Mó função, mó tabela, pô, desculpa aí*

A vida como descrita acima é *Loka*, vulnerável. Através dessa fraqueza “forte”, a opressão leva o rapper a refletir um pouco mais acerca da vida, sua responsabilidade e escolhas. Entre o sobrenatural e a realidade brutal, o rap chama a consciência crítica, e também, a espiritual. Como descrito na letra “Opostos” do Grupo Apocalipse 16,

*Crime, crime
Jesus, Jesus
Ô ô uô, estão em lados Opostos
Dinheiro, dinheiro
Salvação, salvação
Ô ô uô, estão em lados Opostos (2X)*

*Lá do alto Ele ouve o grito dos pobres e dos aflitos
Que no mundão do maligno estão perdidos
Só por Deus, só por Deus e Jesus Cristo
Pra escapar dos tiros e do tráfico de drogas
Na Terra é humildade, tenha vida simplória
Deixa que no Céu com Jesus não se usa jóias
No Reino do Senhor usarei uma coroa de Glória
Diamante, safira, rubi em volta do pescoço pra fazer você sorrir*

O que não se conquista na terra, é prometido e consumado no céu. Desde então, o rap de protesto ligado à crítica e a espiritualidade, disputa as consciências dos jovens dos dias



hodiernos que assegura a todos a oportunidade de formular ou espiritualizar o espaço em que vivem por intermédio da musicalidade dos guetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, o rap de fato muda o trajeto de quem vive NE “mundo mudado”, inobstante, ajuda entendermos um pouco mais sobre a religião no espaço público. Existe um preconceito contra o morador da comunidade, isso se deve as generalizações que circulam nas mídias sociais, impressa até por parte dos próprios moradores que acabam associando a favela como tendo um lado ruim, criminoso e marginalizado.

Essa visão equivoca-se desde que a bem da sociedade marginaliza ainda mais o segregado, a falta de entendimento e de compreensão rotula pessoas que se munem da arte e expressões culturais para exporem o que pensam através de suas letras ideologias e críticas. Não se pode dizer que, a favela só produz desgraça aos seres do outro lado (lado de fora), posto que boa parte das igrejas seja de periferia, boas partes são nordestinos, boa parte são trabalhadores que não se coadunam com a criminalidade do dia a dia, e se a percebem convivem da melhor forma possível, até para preservar sua moradia família. De fato periferia tem o seu lado bom, e o rap ainda continua sendo caminho entre um polo ao outro. De um lado temos as drogas, de outro a arte. Uma vez que essa ponte se coloca no caminho do jovem, esse tem para sim a oportunidade de mudar de uma extremidade ruim e sem sair da favela rever seus conceitos.

Se crendo em Deus, Orixás ou deuses, os rappers construíram uma imagem ímpar na história da música brasileira, dando-nos o direito de ver pelo lado de dentro que é possível ser pobre e ser intelectual. Para finalizar breve discussão chamo à atenção à letra *Periferia Tem O Seu Lado Bom* (sem alterar a letra) do grupo RZO, do álbum: *Entre a Adolescência e o Crime*,

*Apesar dos males que existem na periferia;
Periferia também tem seu lado bom, hã hãaaa;
E uma parte deste lado bom está a feira;
A capoeira, o samba, e o carnaval ainda é nosso;
Olodum, maculelê, futebol, dignidade, humildade, rap nacional;
E junto com o rap nacional;
Grupo Consciência Humana, De Menos Crime, U Negro;*



*Homens Crânios, DRR, pedimos á todos você que;
Conosco embarquem nessa viagem.*

(2x) Periferia tem seu lado bom.

*Ei boy playboy se liga na ideia o assunto é de favela;
Do lado escuro obscuro e de ideias certas;
Mas de espaço restrito e nem tanto deprimido;
Com a consequência da sua jogada, se liga na parada;
Consciência Humana tem o dom da palavra;
Sabemos o que se passa, por que sua massa acha;
Que não sabemos de nada;
E que estamos acomodados do lado mais fraco;
E que com eles ninguém pode, não pode;
Não somos fracos, somos muitos e muito fortes;
E temos nossos próprios planos de vida;
Que nos incentivam a lutar contra vocês;
Burguesia nazista de mente falida, playboy;
O seu futuro é planejado, o seu dinheiro é válido;
Mas seus planos são fracos, chegamos pra te enfrentar playboy;
Quebramos a cara no mundo fruto do seu plano sujo;
Para nos ver no escuro do lado obscuro da periferia, ó quem diria?
Que essa gente que vocês tanto marginalizam;
Iria conseguir adquirir experiência de vida playboy, boy, boy;
Apesar dos pêsares pesados marcados;
E cicatrizados pela força de vontade de viver;
Ou melhor sobreviver de maneira possível;
Nada é impossível;
Ainda há um sorriso estampado em cima de tudo isso;
Tentou nos pôr no enguiço boy, se liga nisso playboy;
A vida é outra boy, não se ponha em perigo playboy;
Pois temos objetivos;
Que nem a elite com seu poder fortíssimo de seus soldados;
Com suas fardas e armas conseguirão apagar;
Já me senti culpado por aquele alcoólatra, idólatra;
De porta de bar que assiste a tv e acha que sabe de tudo;
Que na verdade está fora do mundo;
Que mais uma vez na bebida encontra o seu refúgio;
Pai de família confuso, mas nem tudo está perdido;
É só mais uma confusão;
Concertaremos tudo isso e mostraremos;
Que a periferia tem o seu lado bom.
(2x) Periferia tem seu lado bom.
Na humildade do cidadão a gente acredita;*

*Naqueles que não abaixam a cabeça para os problemas da vida;
Que com fé e coragem acreditam que tudo pode dar certo;
E são pessoas que estão enxergando que não está tudo acabado;
Pessoas que incentivam outras pessoas a darem a volta por cima;
E superar as barreiras, buscar esse mesmo lado positivo;
Pode acreditar, esse lado em todo o ser humano há, pode acreditar;*



*Pessoas que não são preconceituosas;
Não tem vergonha do que são e nem do bairro aonde moram;
Que encaram a vida como realmente é;
Quer dar a mão e está consciente dos atos;
Pra se orgulhar de cada passo dado simbolizando união;
Periferia tem o seu lado bom.
(4x) Periferia tem seu lado bom.*

*E no entanto estou lembrando é da minha infância;
Do bairro perigoso, da favela cheia de criança;
Do rosto, do esforço das pessoas que moravam lá;
Que batalharam pra conseguir um teto pra morar;
Nordestino iludido com as propagandas que mostravam a televisão;
Era mais uma família pra viver na mesma situação;
E que situação do conto do vilão;
As propagandas passavam, as famílias chegavam;
A favela enchia, eu me divertia;
De cada família que chegava de uma, duas, três crianças tinhas;
Pra mim era só alegria, aumentava as amizades;
Mas diminuía o espaço, aumentava os desentendimentos;
Mas como sempre chegávamos á um acordo;
E acabava o sufoca daquelas crianças, ó tempo de infância;
Rodar pião, empinar pipa, ó tempos de criança;
Brincar de polícia e ladrão, pow, pow no matagal;
Dar mergulho na lagoa em dias de sol;
Bater uma bola com os camaradas no campo ou na rua;
Tomar puxão de orelha "moleque não brinca mais na chuva";
Esse era o conselho que a minha coroa tanto me dava;
Periferia tem o lado bom e eu não enxergava.
(4x) Periferia tem seu lado bom.*

Assim, entre o sacro e o profano, o pobre e o rico, entre as favelas e mansões, traçaram o mundo periférico jovem, que em suas letras ousadas, denotam sua sensibilidade, as representações de sociabilidade com o esquecido pelo sistema político, bem como a felicidade de quem faz arte ao se utilizar das misérias e pesares da vida. Seja no espaço público, ou sacro, a religiosidade adentrará sem conhecer fronteiras ou barreiras de d limitações.

O Rap e a vida vivida são a mesma coisa, são experiências construídas em cima de fatos verídicos, claros e cantados para memória dos “descanteados” (posto à parte de...) da sociedade. São vidas vividas para serem cantadas e narradas pelos profetas quem escrevem entre os becos desse Brasil. Como cita Novaes[10], *hoje são muitas as redes e articulações do movimento rap no Brasil. A roupa, a postura corporal, a linguagem garantem certas marcas de identidade que unem a todos.*



Isso legitima ainda mais o poder e a relação de poder que o rap tem com a sociedade, no grito de liberdade do movimento a crítica política contra a política serão constantes, até mesmo em letras gospel contra os evangélicos já estão também circulando no mercado discográfico nesses últimos. Grupo coeso e centrado mostra-nos o quanto que a diversidade religiosa perpassa em suas ricas canções que se destina a todos os guetos do país. É aquilo que disse Marcelinho, do grupo *Profetas da Revolução*,

“Nós acreditamos em revolução através do grito, da música, mas depois vão ter que vir armas né? É aquilo que Karl Marx já disse e Mano Brown reprisou, nós somos o efeito colateral do sistema”. [11]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] NOVAES, R. C. R. Errantes do Novo Milênio: salmos e versículos bíblicos no espaço público. In: Patrícia Birman. (Org.). *Religião e Espaço Público*. São Paulo: Ed. Attar, 2003, p. 25-39.

[2] CASSEANO, Patrícia. DOMENICH, Mirella, ROCHA, Janaina. *Hip-Hop – a periferia grita*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2001.

[3] NOVAES, R. C. R. Ibid p. 31.

[4] *Ver in:* NOVAES, R. C. R. Ibid p.33.

[5] CUNHA, MAGALI DO NASCIMENTO. *Explosão Gospel - Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

[6] NOVAES, R. C. R. Ibid p. 29.

[7] ZIBORD, Marcos Antonio (2013). Rap como religião de salvação. *Comunicação e Inovação*. São Caetano do Sul. v.14, n. 27. p. 83-88.

[8] NOVAES, R. C. R. Ibid p. 39.

[9] SOVIK, L. 2000. O Rap Desorganiza o Carnaval: Globalização e Singularidade na Popular Brasileira. *Cadernos do CRH* (UFBA), 33; 247-254.

[10] *Ver in:* NOVAES, R. C. R. Ibid p.39.

[11] *Ver in:* NOVAES, R. C. R. Ibid p. 38.